

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

*Journal do Brasil*

Class.:

GIR 01308

Data:

19.08.73

Pg.:

**V**ITÓRIA (Correspondente) — O mundo de fantasia da religião dos guaranis, que lhes prometia uma "terra sem males" para além do litoral e por isso os levou a andar durante muitos anos, terminou na semana passada quando a Funai os transportou para a Fazenda Guarani, a 208 quilômetros de Belo Horizonte.

Lá, os 32 índios errantes viverão em 120 alqueires de terra, sem conhecer as perturbações da civilização, "numa extensão que é deles, grande bastante para torná-los felizes, capazes de cultivar a lavoura e manter suas tradições tribais" — como explicou o sertanista José Geraldo Itatuitim, da Funai.

## Busca da terra

Durante oito anos, os guaranis marcaram no litoral capixaba, perto de Guarapari. O grupo que agora encerra a caminhada levando em sua companhia 10 tupiniquins criou-se no Rio Grande do Sul. Era mais numeroso e buscava a "terra sem males", noção paradisíaca criada pelos jesuítas no seu convívio de 150 anos com as tribos guaranis.

O percurso que acabou em Guarapari teve paradas no Paraná e São Paulo, na reserva de Itantins, no vale da Limeira. Naquele momento, o grupo se cindiu: e os 32 restantes prosseguiram a marcha em direção à visão religiosa que os iria salvar, a existência de uma aldeia além do litoral, onde seriam para sempre felizes.

O cacique Veragurá assumiu a responsabilidade pela tribo. Condenou os 36 que ficaram nas reservas paulistas, por terem contraído "os maus costumes e vícios dos civilizados."

Conseguiram sobreviver vendendo peças e adornos feitos à mão. Fielis aos costumes seculares, pararam em várias cidades e vilas, o tempo necessário para juntar algum dinheiro e prosseguir viagem. Alguns morreram no percurso, e muitos nasceram.

Em Parati, as condições eram favoráveis; o cacique, por questão tática, ali ficou vários anos. De lá reiniciaram a marcha até a costa do Espírito Santo, chegando à enseada de Santa Cruz. Como a enseada obriga o viajante a atravessar um pedaço de mar para retomar a estrada do outro lado, os índios acreditaram ter chegado "à Terra sem males, para além do litoral."

## Chegada do homem

Em Caeiras Velhas, a 12 quilômetros da baía e 80 de Vitória, os índios bateram no aldeamento dos tupiniquins, encontrando-os livres — cultivando a terra como seus antepassados. Caboclos de pequena estatura, cabelos pretos e curtos, a identificação das duas tribos ocorreu e logo os tupiniquins convida-

ram os guaranis para ficar ali, naquela terra extensa e inabitada.

Foram cinco anos de permanente felicidade, com chão para plantar e o rio Piraquê-Açu com muito peixe e marisco de comer. Não descuidaram do artesanato, que elaboravam nas horas de lazer para vender durante a temporada de verão nas praias de Santa Cruz e Nova Almeida. Para Garatujá, irmão do cacique e líder, aquele foi o período mais feliz dos guaranis.

Mas esta felicidade não ia durar muito. As terras de Santa Cruz, a princípio consideradas áridas, de repente passaram por um processo de valorização. O Governo, atraindo novas empresas para o Espírito Santo, entregou-as ao reflorestamento da Aracruz-Florestal.

Chegava o eucalipto, estendendo-se pela região, e escasseava o terreno, cada vez mais estreito para os índios. Em pouco tempo restou apenas a vila apertada de eucaliptos, deixando os índios confinados a uma estreita faixa de terra. Jutukai, cunhado do cacique, saiu de Caeiras Velhas e levou o grupo para Guarapari.

Garatujá permanecia, com a missão de reconquistar às terras. Mas logo se convenceu de que "índio não recupera os terrenos de que o branco se apossa."

O fracasso da missão a ele confluía levou-o a refugiar-se numa igreja, onde se alfabetizou; em pouco tempo, Garatujá se transformava no pregador João, da Assembléia de Deus.

## Idéia exótica

O destino dos guaranis se modificaria quando o prefeito de Guarapari, Sr. Hugo Borges desejou fazer deles uma atração turística, em abril deste ano. Propôs à tribo entregar um terreno onde eles construiriam sua aldeia, andariam de tanga, para atrair os turistas e participariam do lucro dos ingressos.

A intenção foi considerada "espan-tosa e exótica" pela assistente social Vilma Gonçalves, da Secretaria de Trabalho do Estado, encarregada da assistência aos guaranis. O fato foi logo denunciado à Funai, que enviou a Guarapari o Sr. José Aguiar, chefe de gabinete do presidente do órgão, General Bandeira de Melo.

O emissário conversou com os índios e propôs a concessão de uma faixa de terras de Caeiras Velhas. Mas o Estado não pôde atender ao pedido: as terras de Caeiras Velhas já estavam todas entregues ao reflorestamento. Foram oferecidos ainda a reserva de São Paulo, uma do Paraná; os índios não queriam lembrando-se das terras de Krenaque, em Minas, onde sofreram muito.

## Partida final

No início da semana passada, chegou à Vitória o professor João Geraldo Itatuitim Ruas, da delegacia da Funai em Minas e Bahia. Foi a Guarapari com algumas fotografias da reserva, da Fazenda Guarani, em Minas.

Trocou informações com os índios, conversou separadamente com Garatujá e Jutukai, sentiu a dificuldade de removê-los. A revelação de que também ele, Itatuitim, era índio, sensibilizou a tribo; muitos, curiosos, se perguntavam como era possível aquele homem de terno escuru ser um dos deles.

Itatuitim é índio juruna do Alto Xingu, trazido de lá quando menino, perdeu sua mãe de parto e foi socorrido pelo Marechal Rondon. Criado pelo professor Boaventura Bueno da Cunha, Itatuitim é hoje, aos 42 anos, encarregado do destino de 4 mil índios, na Funai, onde trabalha e já foi diretor do serviço social da Usiminas.

Antes de levar a tribo, Itatuitim pediu uma relação de todos os compromissos que os índios precisavam saldar. "Índio não vai ficar devendo nada aos civilizados", disse ele, destacando que, ao contrário, as tribos são credoras permanentes dos brancos, que lhes tomaram as terras. Os guaranis pediram que o professor Itatuitim fosse com um deles a Caeiras Velhas buscar os tupiniquins. Vieram um casal e oito crianças; o velho capitão Leopoldino, com 80 anos, e Antônio, doente, não quiseram arriscar a viagem.

Ainda na partida, Garatujá, o pastor da Assembléia de Deus, quase pôe tudo a perder ao dizer a seus companheiros que não acreditassem em promessas do Governo. Mas o sangue índio de Itatuitim falou mais alto e evitou o problema.

Com canções religiosas em guarani, cantadas num clima de emoção forte, com muitos receando a viagem, achando que lá (em Minas) não haveria terra para índio, o momento da partida foi celebrado. A viagem durou 24 horas, em camionetas carregadas, e não houve incidentes; só a gata de Veramirim e dois cães alteraram a calma: morreram.

Os 1200 alqueires da Fazenda Guarani, perto de Itabira, em Minas, esperavam os remanescentes guaranis. É a antiga fazenda do coronel Magalhães, onde a Polícia Militar, que também foi proprietária, já treinou ação antiguerrilha; hoje suas 20 casas são moradias indígenas e as outras construções abrigam oficinas, serralha, carpintaria e vários outros pólos de atividade.

Aos guaranis destinaram-se 120 alqueires, na região de Imbiruçu, cercado de mata, com uma cachoeira. No dia seguinte à chegada, a tribo amanheceu cantando.